

~~A~~ HISTÓRIA DE ~~UMA~~ MARIA

INTRODUÇÃO

Conheci Maria num desses encontros — que estão se tornando comuns hoje em dia — em que técnicos de Instituições e líderes de comunidade trocam experiências sobre a vida comunitária.

Tivemos oportunidade de conversar muito, pois ficamos hospedadas no mesmo quarto. Lembrei-me de sua história quando nos propusemos a escrever sobre ação comunitária. Achei que ela nos serviria como reflexão e como ponto de partida para discussão e debate, na procura de uma metodologia adequada às diferentes realidades locais.

É claro que não consegui falar no seu jeito humano de dizer. Mas quis, em sua homenagem, escrever sua história guardando intacto o seu conteúdo, mas em minha linguagem.

Existe nisso uma certa fidelidade: quando conheci Maria adquiri parte de seus conhecimentos — são eles que agora tento transmitir, mas existe em mim uma outra realidade que me faz dizer as coisas a meu modo.

Procure entrar nessa conversa. Tenho certeza de que no final teremos aprendido muito mais.

Se Maria estiver em algum de nossos grupos, ela se identificará. Mas será bom. Ela terá certeza que todo

o seu esforço na luta para a construção de sua comunidade tem dado frutos muito melhores do que até agora tem parecido.

Para reflexão e debate

Meu nome — Maria José da Silva. Sou como tantas Marias e tantos José deste Brasil. Curtida por dentro e por fora. De sol e sofrimento. Quando pequena, sonhei ir para a escola, sentar naquelas carteiras, que embora quebradas me pareciam lindas. Aprender a ler e escrever. Fui. Aprendi a ler mal e a escrever pior ainda. Não pude ir longe não.

a vida em zona rural

Com a fome apertando, mais crianças nascendo e crescendo, numa colheita melhor, saí eu da escola para ajudar a meu pai. Troquei o graveto do lápis pelo cabo da enxada. O dono da fazenda tirou o café e pôs gado. Precisava de menos gente e lá fomos nós, com alguns outros, procurar novos lugares. A "cidade grande" deve ter sido o silencioso apelo que fez meu pai, minha mãe, todas as crianças (e eu junto) viajarmos a pé por quase três dias.

as migrações internas

a vida em periferia urbana

Chegamos. Com táboas velhas, latas, pregos enferrujados, construímos um barraco bem grudadinho a outros tantos barracos iguais. Não conhecíamos

ninguém. Mas fomos aceitos. Nos viram como mais alguém para lutar, com a Prefeitura, por aquele pedaço de terra. Foi exatamente essa luta que começou a fazer daquele amontoado de indivíduos um amontoado de pessoas. O Prefeito custou a cansar: ele veio e depois mandava seu pessoal nos avisar que iria jogar abaixo os barracos feitos. Cada barraco posto abaixo gerava dois ou três. Chegou afinal o tempo que nos pareceu, que ele (o prefeito), se cansou. E nós estávamos lá, bem fortes agora.

Nesse tempo todo mundo conheceu todo mundo. Sabíamos de onde vieram, porquê vieram, o que esperavam, o que queriam. Lembro que de repente me pareceu que a família tinha crescido. As paredes do barraco não eram mais o limite da minha casa. E eu aprendi tanta coisa que depois não conseguia mais me interessar pelo que aprendia na escola. Tentei, tentei mas de jeito nenhum consegui continuar. A escola não era mais um sonho.

mas ^{depois} a solidariedade entre os carentes

a união gerada pela busca de objetivos comuns

as inter-relações pessoais e suas consequências

aprendizagem informal,
não formal
e formal

Hoje eu sei que naquele tempo, quando precisamos nos unir para ficar, estávamos de certa forma nos organizando. Na realidade, todo bairro, toda favela, toda invasão tem um certo tipo de organização, tenha o tempo de existência que tiver, uma maior ou menor quantidade de moradias, de famílias, de gente.

Esse tipo de organização é que permite a pessoas e grupos sobreviverem. Quando minha mãe emprestava à vizinha algum alimento. Quando alguém tomava conta de meus irmãos menores para podermos procurar emprego, quando na birosca de seu Manoel, o José dizia para o João que estavam precisando de um electricista na obra onde trabalhava e o Joaquim se oferecia para levar o marido de dona Joana para o Hospital, as pessoas estavam criando laços, se definindo diante dos outros. Do próprio seu Manoel teríamos muito que falar. Em sua birosca ele resolvia muitos problemas. Vendia 2 colheres de pó de café, 1 chícara de óleo, 1 cigarro, 6 palitos de fósforo.

a organização das comunidades

organização para a sobrevivência
compreensão "concreta" da
interdependência e do inter-relaciona-
mento

conhecimento da realidade

características específicas das
comunidades

Sabíamos que ele ganhava muito com essas vendas picadas, mas era o jeito de muita gente conseguir sobreviver. Foi ele que nos inspirou, muito mais tarde, para formarmos a primeira "associação de compra de gêneros alimentícios". Foi preciso descobrir que esta organização informal não era suficiente para nos permitir viver.

E foram aparecendo grupos mais formais, surgindo inclusive um Conselho de Moradores. Sentíamos que, aos poucos, além dessas relações pessoais com vizinhos e parentes, foram aparecendo pessoas que se relacionavam por estarem envolvidas com as mesmas preocupações, ou porque frequentavam os mesmos cultos, ou porque aspiravam coisas iguais. E o Conselho procurava fortalecer essas relações, promovendo encontros, debates, levando os grupos a realizarem certos trabalhos.

Notei que, apesar de estarmos morando agora perto da

os embriões de uma organização mais formal

a organização das comunidades se formaliza

formas de estruturação da comunidade e objetivos

cidade, a maioria dos moradores tinha comportamento e características do universo rural.

Ainda estávamos neste princípio de vida, quando

Mário — funcionário do MOBRAFAL veio trabalhar conosco.

Quando chegou, tivemos medo que ele viesse nos avisar

que o Prefeito queria, de novo, nos tirar dali. E é

claro, não o aceitamos. Não queríamos ninguém de fora

no nosso meio. Mas Mário entendia das coisas. Ele nos

mostrou que nós já tínhamos sofrido muitas outras

invasões: do rádio, da televisão, dos cabos eleitorais.

Disse-nos que ele não pretendia ser um de nós. Nem

conseguiria. Ele não tinha vivido a mesma história que

nós. Mas ele tinha as mesmas preocupações: a desnutrição

das crianças, a falta de escolas, a água mal tratada

que chegava à bica comum, o desemprego, a dificuldade de

condução, os problemas de saúde. Engraçado, mas Mário

com aquela reunião fez o grupo ter uma visão global da

realidade do nosso bairro. Até então cada grupo estava

pensando e tentando resolver um problema isolado.

o "espaço" cultural

o agente externo

. reações da comunidade

. o valor pessoal do agente externo

. o saber teórico e o saber popular

. objetivos comuns

. o papel do agente externo

. a compreensão da força da união

Começamos a ver que certos problemas, embora fossem trabalhados por diferentes grupos, precisavam ser pensados em conjunto. Mário nos fez sentir isso e aceitamos que ele trabalhasse conosco nos problemas relativos à saúde. Começamos a nos reunir em um grande grupo. No princípio era só reclamação: não tinha isso, não tinha aquilo, fulano era culpado, nós tínhamos direito a ter água, a ter ruas calçadas, a ter posto de saúde, a ter médico. Tínhamos direito mas até então não fizéramos nada para conseguir o que precisávamos.

A medida que íamos nos reunindo, tomávamos consciência de que também nós tínhamos que fazer alguma coisa, nós tínhamos que saber o porquê das coisas terem acontecido, compreender esses porquês e sobretudo nos organizarmos para podermos enfrentar os

, ações globais na busca de soluções
mais amplas

. ações globais que envolvem diferentes áreas: saúde, educação, transporte, habitação

. a consciência crítica

e reflexiva

. opção consciente e a autodeterminação

problemas e sobreviver. (*)

E enquanto isso acontecia, nós sentíamos que a comunidade ia mudando.

Enquanto nos reuníamos fomos notando que o nível de participação de pessoas e grupos era bem diferente. Havia aqueles que estavam presentes desde o momento de estudo da realidade, da definição dos meios para a busca de soluções, dos fins, e até usufruíam dos bens alcançados pelos resultados. Havia outros que participavam apenas dos trabalhos comunitários,

. participação e seus diferentes níveis
 . busca de alternativas

(*) "o que é um problema? As vezes o que é problema para uns é solução para outros. O que é apresentado como solução, às vezes pode causar vários problemas. A favela vista como um grande problema urbano é uma solução para os que nela moram. O conjunto habitacional apresentado pelos tecnocratas como uma solução, torna-se, para seus moradores, num grande problema. Para os moradores, a favela é uma solução "inteligente" de estratégia de abrigo..." "enquanto nos conjuntos habitacionais aparecem despesas adicionais que ele não pode arcar".

A Cultura da Sobrevivência — Uma pesquisa participativa
 Dilmar Santos de Miranda.

dos mutirões. Existia aí também um nível de participação implícito porque as pessoas escolhiam participar dos grupos que lhes dizia mais respeito.

com a ajuda de
 Mário ~~nos~~ *Pinheiro* ~~co~~ *que* durante o trabalho

comunitário nós podíamos aproveitar para levar o pessoal a discutir os problemas ligados ao trabalho ou mesmo outros problemas da comunidade.

Mário soube trabalhar com a comunidade. Ele aproveitava os grupos já existentes, entrava na conversa do pessoal e daqui há pouco estava aparecendo um novo tipo de trabalho. Foi assim com as lavadeiras. As mulheres lavavam roupa em suas bacias e iam para perto da bica. Ali se falava de tudo. Ao redor das mulheres, brincavam as crianças. Gritos, tapas, beliscões, resmungos, choros e risos. Tinha criança de tudo que era idade. Muitas brigas surgiram. E cada palavra!... Como eco as crianças repetiam gestos e atitudes.

, respeito a individualidade
 , opções pessoais

, o aproveitamento dos grupos existentes
 versus a "criação" de grupos

, ações sobre problemas concretos

Mário me disse que não entendia como aquelas roupas podiam ficar brancas, apesar daquela água suja. Tinha pena das crianças que ficavam por ali.

Eu e ele resolvemos conversar com as mulheres. No começo elas entraram naquela de achar que Mário ia resolver todos os problemas, que como mágico tiraria do seu baú água encanada, tanques, escola para as crianças e tudo o mais. Custou o grupo entender que Mário queria estudar com elas o que poderiam juntos fazer para encontrar soluções para aqueles problemas.

As lavadeiras acharam que seria bom se conseguissem construir uma lavanderia comunitária. Tiveram que andar um bocado. Primeiro tentando conseguir de algum órgão público algumas coisas básicas que tinham direito:

ligação de luz para uma área vazia onde poderiam construir a lavanderia — postes, fios, Companhia de eletricidade, Prefeitura...;

conhecimento da realidade

, a expectativa da comunidade
em cima do técnico
, agente externo

, os caminhos de uma ação comunitária

, levantamento das possibilidades

ligação e tratamento da água para o mesmo local.

Foi uma dificuldade. De início nem queriam recebê-los. Precisaram insistir muito e quando conseguiram foi para saber que a Prefeitura não tinha verba disponível. Se conseguissem os postes, os fios, os canos, as caixas d'água e tudo o mais então fariam as ligações.

Foi "água na fervura". Queriam desistir. Mário convenceu a começarem por outro lado. Deveriam tentar construir a lavanderia e depois veriam como iriam resolver esses problemas.

Fizeram festas, bingos, forrões. Mário conseguiu que 2 estudantes da Universidade que cursavam Engenharia fossem conversar com o grupo para ver como deveria ser a construção. No final, a planta ficou simples mas muito interessante. Era um galpão largo. Dentro 20 tanques e 20 mesas de passar a ferro. Fora haveria um lugar onde seriam colocadas as cordas de secar e outro

, respeito aos direitos da comunidade e das pessoas

, a necessidade do estímulo , a esperança

, a integração das Entidades Sociais e educacionais

, ... a partir da realidade local - funcionalidade

onde seria plantado um capim rasteiro para se colocar a roupa para "coarar".

Atrás do galpão pensaram em construir uma sala bem grande e alguns banheiros. A sala serviria para as crianças ficarem enquanto as mães trabalhavam.

Enquanto as pessoas da comunidade ficaram trabalhando para conseguir dinheiro para a construção, Mário e os q universitários tentavam encontrar um engenheiro para assinar a planta, e contataram com a Secretaria de Obras, da Prefeitura e outros órgãos para conseguirem aprovação da planta e permissão para a construção.

Num domingo alguns homens da comunidade foram conhecer o trabalho que estava sendo feito em uma outra favela. Lá, o pessoal aprendeu a construir blocos de areia e cimento e conseguiu emprestado as formas e as máquinas.

- , um trabalho leva a outro
- , a mulher e o trabalho
- , a organização de grupos
- , a complexidade da ação comunitária
- , a comunidade se abre.

Já no outro fim de semana o pessoal começou a trabalhar. Era incrível ver como todo mundo quis ajudar. Até as crianças transportavam areia e água. Foi um grande pique-nique. Um dia de trabalho e festa.

- . a solidariedade
- . o trabalho conjunto

De outro lado o grupo encarregado de arranjar dinheiro dava "tratos à bola" para inventar formas de conseguí-lo.

A medida que as paredes eram erguidas, algumas pessoas apareceram querendo ajudar. Umas tinham boas intenções, mas outras queriam era conseguir "nome em placa", como descobriu seu Manoel. Era preciso ter inteligência para saber separar o joio do trigo.

- . como lidar com a Realidade do Sistema
- . os diferentes interesses, a necessidade da conciliação

Mário lembrou que a LBA estava formando creches para crianças de 0 a 3 anos e que o MOBREAL estava trabalhando com pré-escolares de 4 a 6 anos. Dois técnicos se juntaram a Mário nesse trabalho. Um da LBA e outro do MOBREAL para com alguns pais da comunidade pensarem no

de objetivos
 . integração e ~~globalização~~ de ações

atendimento às crianças.

Era fantástica a rede que ia se formando. O grupo que se formou para esse atendimento teve também muito trabalho. Como conseguir alimentos, carteiras, como fazer o material necessário, bancos e mesas e brinquedos e tudo mais.

E a lavanderia continuava a crescer...

Chegou o dia em que Mário e o pessoal achou que deveria voltar aos órgãos responsáveis para insistirem em conseguir deles o que tinham direito. Dessa vez foram melhor recebidos. Conseguiram inclusive falar abertamente sobre os problemas do bairro e como e o quanto a comunidade tinha feito. A gente sentiu que por estarmos mais seguros do que queríamos, por estarmos mais fortes porque mais unidos, conseguimos impressionar mais. Eles não negaram, ficaram de estudar. E nós tivemos que ficar insistindo para eles

. o acompanhamento das atividades

. a ampliação e o aperfeiçoamento

. a avaliação

estudarem mesmo. E depois de muito tempo e de muita insistência, afinal conseguimos que as ligações fossem feitas. Na verdade já estava tudo pronto para ser inaugurada a lavanderia.

Deixo para vocês pensarem em como deve ter sido essa inauguração. Quanta gente apareceu. Houve até discurso. E algumas mentiras foram ditas e publicadas nos jornais. Mas depois dos grupos terem falado sobre isso resolvemos que não adiantava brigar por essas coisas, já que elas já tinham acontecido.

Mas depois da inauguração só o pessoal da comunidade, Mário e o outro técnico do MOBREAL, o técnico da LBA e os 2 universitários continuaram a trabalhar.

a "continuidade" da ação comunitária

Impressionante como aparecia coisa a ser feita, mas ao mesmo tempo impressionava assistir às reuniões de grupo e ver como a comunidade ia se desenvolvendo, como o pessoal ia sabendo das coisas.

o desenvolvimento da comunidade

A globalidade da ação